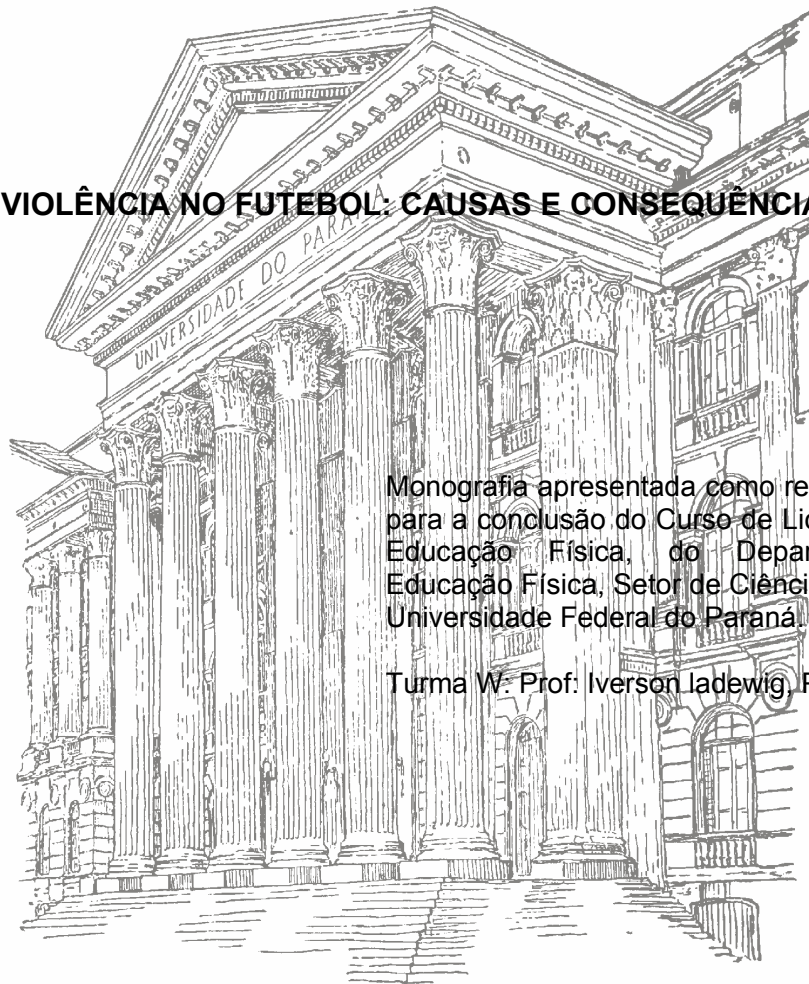


JOSÉ VIANA

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS



Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Turma W. Prof: Iverson Iadewig, PhD

**CURITIBA
2005**

JOSÉ VIANA

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Dr. FERNANDO CAVICHIOILLI

**CURITIBA
2005**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus que sempre tem me guiado contra as adversidades e obstáculos que aparecem em meu caminho, assim como sou muito grato também a minha esposa Antonia Regina da Silva Viana e, ao meu lindo filho Raí Viana, já que ambos são tudo para mim. Não podendo eu esquecer dos meus pais, Leny de Souza Viana e João Maria Viana, pois sem eles eu não teria chegado a lugar nenhum nessa vida. Assim como à minha querida avó Nathália Medeiros de Souza, que tanta falta faz à todos nós, esteja em paz!

SUMÁRIO

RESUMO	iv
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	5
1.3 OBJETIVOS.....	6
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	7
2.1 A VIOLÊNCIA DOS TORCEDORES NO FUTEBOL.....	7
3.0 METODOLOGIA	22
4.0 CONCLUSÕES	24
REFERÊNCIAS	27

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, o estudo através de pesquisa bibliográfica da prática da violência no futebol, assim como a apresentação das causas e conseqüências desta violência. Visto que, segundo ELIAS; DUNNING (1985, p. 331), (...) todos os desportos são, por sua natureza, competitivos e conduzem, deste modo, ao aparecimento de agressão e de violência. (...) isto pode acontecer quando se participa demasiado a sério num desporto, talvez na seqüência de pressões sociais ou de recompensas financeiras e do prestígio envolvido.

Considera – se que esses atos ilícitos, no contexto futebolístico, estão relacionados com as regras de masculinidade, já que esta, é predominante em nossa sociedade, e essas normas dão grande importância à dureza, e à capacidade de lutar, já que essas são características masculinizadas.

Questiona – se também, “Porque é que adolescentes e jovens adultos do sexo masculino de grupos particulares dos setores socioeconômicos mais baixos das classes trabalhadoras passaram a desenvolver um forte interesse pela luta e pelo prazer de lutar? Porque é que um comportamento abertamente agressivo constitui uma parte tão importante do seu estilo de vida? E porque é que o futebol passou a constituir um ponto de encontro tão atraente e constante para o manifestar? (ELIAS; DUNNING 1985, p 357). Para ilustrar, CLARKE, citado por, ELIAS; DUNNING (1985, pg 365) diz que:

“(...) O hooliganismo do futebol constitui uma reação dos jovens separados das comunidades desintegradas da classe trabalhadora contra o futebol comercializado e à apresentação do jogo como espetáculo e divertimento. Ele afirma que, em resultado da desintegração das suas comunidades, esses jovens assistem agora aos jogos libertos da vigilância dos familiares mais velhos e dos vizinhos que habitualmente os controlavam”

1.0 INTRODUÇÃO

Hoje em dia, é comum a divulgação nos meios de comunicação, não apenas do futebol bem jogado, ou do espetáculo das torcidas nas arquibancadas, como também é perceptível a constatação da violência ocorrida, dentro do contexto futebolístico, causada, na maioria das vezes, pelos principais sujeitos do futebol, direta ou indiretamente, já que a prática dessas transgressões é o reflexo da integração da violência no cotidiano humano, sendo esta, presente através das diversas manifestações humanas. Tanto que ELIAS; DUNNING (1985, p. 95) dizem que “por certeza que os impulsos humanos e outros impulsos espontâneos constituem parte da natureza humana, mas que o seu controle é uma propriedade socialmente adquirida e, como tal, não faz parte da natureza humana”.

Ao longo deste trabalho científico, é feita uma relação, entre a violência cometida hoje em dia, com as normas masculinizadas, implementadas pela nossa, onde aprendesse na maioria das vezes que, a brutalidade e a vontade de lutar, devem estar inseridas no cotidiano humano. Outro apontamento feito, é que o grande público no futebol, é oriundo da classe trabalhadora. Reforçando, dizem ELIAS; DUNNING (1985, p. 369) que (...) oitenta por cento das pessoas acusadas de ofensas físicas relacionadas com o futebol eram operários e desempregados.

A junção dos problemas sociais, com as normas de masculinidade implementadas na nossa sociedade, assim como rivalidade e a competitividade no desporto, são primordiais para que se consume o aparecimento da agressão e da violência no futebol profissional.

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O futebol, é um esporte extremamente competitivo onde o contato físico torna – se inevitável e, a junção dessa competitividade à vontade de vencer dentro deste contexto, incluindo as pressões externas que os jogadores sofrem por parte das comissões técnicas, juntamente como as exigentes torcidas – na maioria das vezes de

torcidas organizadas - que não permitem de modo algum que seus atletas percam uma partida importante, ainda mais quando é uma partida envolvendo dois clubes de tradições equivalentes e regionais. Acerca do assunto, o técnico inglês SHANKLY, citado por POMPEU (2002) cita que:

“Algumas pessoas ignorantes e imaturas acham que o futebol é uma questão de vida ou morte. Fico muito desapontado quando ouço uma besteira assim tão despropositada como essa. Posso lhe assegurar, com toda a minha experiência de tantas décadas de convívio diário com a bola, que o futebol não é, nem pode ser, uma questão de vida ou morte. Na verdade, falando com toda circunspeção necessária nesses assuntos, o futebol é muito mais do que isso! É muito mais do que uma simples e banal questão de vida ou morte!”

A torcida é mais exigente ainda quando essas derrotas acontecem em seqüência, visto que, qualquer equipe do mundo, seja qual for a sua estrutura, passará, nem que seja raramente, por uma fase em que nada dê certo, mas ... assim ocorrendo, esses torcedores estarão na sede dos clubes em questão, reivindicando melhores resultados aos atletas. Porém, esses protestos se fossem feitos de maneira organizada e criativa – sem atentar contra a integridade física dos mesmos - como acontece em alguns poucos casos, teriam esse tipo de reivindicação, relevância, mas o que acontece é que, muitas vezes, esses torcedores sim, atentam contra a integridade física dos atletas. Acerca dessa visão, colocando – se no lugar dos atletas que possuem a responsabilidade de “vencer ou vencer”, MEIRELES, citado por DENARDIN; DIENSTMANN (2002, p. 97) diz que jogadores de futebol são artistas porque lidam com talento, público, treino e sorte. E, essas pressões psicológicas e morais não ocorrem somente em clubes considerados “grandes” – de maior tradição -, essas pressões por melhores resultados atingem também as agremiações que não possuem tanta tradição, estes clubes também são obrigados a vencerem e se não objetivam o título pelo menos são quase que obrigados, devido a exigência de torcedores e comissões técnicas, juntamente com a imprensa, a fazerem no mínimo boas campanhas, considerando os

campeonatos a nível nacional, porém nos campeonatos regionais onde a rivalidade que existe entre as cidades vizinhas torna – se acirrada, a vitória é questão de honra.

Na realidade - não que seja justificável - a grande maioria desses torcedores brigões, são compostos por assalariados e desempregados, e estes passam a semana inteira trabalhando duramente, agüentando as mais diversas adversidades, isso considerando os sujeitos que estejam empregados, e, o pior ocorre com os que já estão frustrados por mais uma semana inteira, sem oportunidades de conseguirem um trabalho, e, mesmo assim, estes, economizam cada centavo, que seria muito mais útil para comprar comida para a família, e/ou leite das crianças, mas ... mesmo assim juntam esse dinheiro objetivando unicamente a aquisição do ingresso dos jogos de futebol que ocorrem principalmente nos finais de semana e, passando então por todas essas dificuldades semanais, é justo e necessário que queiram um momento de lazer, de descontração, porém desejam estes torcedores que suas equipes sejam as vitoriosas nos jogos que antecedem mais cinco dias desgastantes que virão pela frente, e então, depois de toda essa expectativa, não se controlam em presenciar mais uma frustração - as derrotas no futebol - justamente naquele momento em que ali, buscavam um momento de diversão. Segundo SENDE, citado por DENARDIN; DIENSTMANN (2002, p. 92) o, futebol é um jogo que se pensa com os pés, para arrancar da multidão o alarido que a faz feliz, escapando momentaneamente das suas dores. Não sendo assim, esses, extravazam esse somatório de frustrações em protesto, na forma de violência, de desrespeito, pois sentem que no meio futebolístico, esse é o momento e o local ideal para esse apelo. A frase emitida pelo ex – jogador da seleção brasileira, TOSTÃO - em referência à classe trabalhadora inserida nos estádios - citado por DENARDIN; DIENSTMANN (2002, p. 98), define bem os sentimento destes torcedores, caso o sentimento de prazer não se consume ao final das partidas, “somos pobres e humilhados, não temos nada, o futebol é a nossa vingança”. Quanto a isso, a reflexão de um psicanalista é bastante viável, onde este diz que os, torcedores refletem carências tanto emocionais quanto culturais (...) o ideal seria a absorção das torcidas mais amplas da comunidade, com mais atividades culturais e esportivas. (GOLDBERG, 1997).

Aliado a isso, a imprensa, esta em geral, falada ou escrita, torna – se um meio de comunicação influenciável ao grande público, considerando o teor das notícias vinculadas por esta, pois é formadora de opinião, e quem é influenciado pela imprensa, é o próprio torcedor – principalmente o torcedor assalariado - vai passar a ter uma atitude de intolerância com os sujeitos envolvidos nesses clubes, com isso os jogadores, sentindo essas pressões externas, irão descontar toda essa responsabilidade nos adversários, em forma de violência. Visto que somente o primeiro lugar é considerável vencedor, pois dentro de um contexto social, somente o vencedor, o campeão tem o seu valor e reconhecimento e, onde o segundo colocado, o vice – campeão, como dizem, “é o primeiro dos últimos”. De fato ninguém quer chegar tão perto do objetivo e perder. Em referência, o técnico uruguaio CUBILLA citado por DENARDIN; DIENSTMANN (2002, p. 98), diz que “futebol não lembra perdedores”

É embaraçoso saber que o mesmo atleta, que poderá ser algoz de uma jogada violenta, cometida contra um colega de profissão, que assim como ele, tenha a necessidade de vencer, para obter mais reconhecimento profissional, muitas vezes se esqueça que ele próprio poderá, em algum momento, ser mais uma vítima dessa mesma agressão que em algum momento desferiu contra alguém, pois já que o futebol é um esporte onde a competição torna – se fundamental, os atletas usam desses artifícios, para intimidar seus oponentes. Tanto que para o técnico argentino MENOTTI, citado por DENARDIN; DIENSTMANN (2002, p. 99), num jogo de futebol vale o que Napoleão Bonaparte usava na guerra: mostrar as suas melhores armas para assustar o inimigo.

Mesmo existindo as regras, as leis, que são necessárias para a coibição dessas transgressões dentro do esporte, não devemos nos esquecer que estas também são passíveis de erros. Vejamos, por exemplo, na ocorrência do efeito suspensivo, em que os atletas sabem que, de uma maneira ou de outra, mesmo que cometam a violência, irão poder estar presentes na partida seguinte a que foram penalizados, fato comum – efeito suspensivo – quando antecede um jogo considerado importante, ou um clássico, ou final de campeonato, onde ninguém que ficar de fora. Usando como exemplo, as finais do campeonato brasileiro de 1997, entre o Clube de Regatas Vasco da Gama e a

Sociedade Esportiva Palmeiras, nesse caso o jogador Edmundo, do Vasco, sabendo que uma expulsão sua na primeira partida das finais daquele ano, anularia todos cartões amarelos já recebidos, não pensou duas vezes em provocar essa expulsão de todos jeito, primeiro em dividida com o goleiro Veloso do Palmeiras que já estava de posse da bola em suas mão, onde então Edmundo chutou o que visse pela frente, e é lógico que acabou atingindo o goleiro Palmeirense. Edmundo depois de tanto tentar – não sendo nenhum sacrifício para ele – conseguiu o objetivo, e pôde tranquilamente, através desse efeito suspensivo, jogar a última partida do campeonato. Como em casos assim, a lei serviu apenas para beneficiar o infrator.

1.2 JUSTIFICATIVA

A preocupação com a violência no futebol profissional, se faz presente já, há algum tempo, tanto no cenário nacional como mundial, sendo esta, temida principalmente pelos principais sujeitos ligados ao futebol, direta ou indiretamente. Temida por: treinadores, atletas, árbitros, federações, FIFA, mídia em geral, torcedores que gostam do futebol bem jogado, e até mesmo por profissionais de educação física simpatizantes com o esporte.

A rivalidade, tanto dentro como fora dos gramados, leva a prática da violência, que inevitavelmente tem de ser noticiada nos meio de comunicação, sendo comum a ocorrência de cenas bárbaras, de toda espécie, sendo praticada em grandes ou em pequenos grupos, por integrantes, em suma maioria, oriundos das classes trabalhadoras.

É através dos meios de comunicação que, as crianças, que em grande número admiram, não apenas o futebol, como também as diversas modalidades esportivas, então ao tomarem conhecimento desses fatos serão negativamente influenciadas por estas imagens, e sendo estas influenciáveis, e volúveis à influência e o exemplo negativo ou não dos adultos, em algum momento essas crianças irão imitar e executar esses atos, sendo que a violência praticada por adultos é inaceitável pela sociedade, ao

contrário das crianças – e estas serão os futuros adultos na nossa sociedade -. Assim, ELIAS; DUNNING (1985, p. 103) citam que:

“Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estão não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. Ver homens e mulheres adultos agitarem – se em lágrimas e abandonarem – se às suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem, ou a baterem – se uns aos outros de forma selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal (...) Para serem considerados normais, espera – se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação”.

... E, através deste trabalho científico, pretende – se consumir a identificação e o alerta acerca das transgressões inseridas no futebol profissional, partindo das principais causas e conseqüências destas, no desporto.

1.3 OBJETIVOS

A apresentação, através desta pesquisa bibliográfica científica, objetiva uma abordagem mais profunda acerca da violência praticada no futebol profissional, assim como a identificação das causas cabíveis para ao menos, atenuar essa realidade através dessa conscientização. É relevante a apresentação não só das causas, como também das conseqüências, que a violência acarreta no desporto, como a preocupação que esta causa dentro do esporte, aos admiradores e sujeitos, diretos e indiretos, às pessoas que admiram e vêem o futebol, seja na televisão ou nos estádios. Visto que, ambos os tipos de telespectadores não visualizam algo de produtivo com a incidência de violência, sendo que muitas famílias, que gostam de freqüentar estádios em dias de jogos, não tem nada haver com a ira de terceiros, mas mesmo assim, em caso de tumulto sofrem com falta de segurança, e conseqüentemente, estes “torcedores/famílias” têm de pensar duas vezes se ao adentrarem aos estádios, irão passar momentos de descontração e lazer, ou presenciarão cenas atroz.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A VIOLÊNCIA DOS TORCEDORES NO FUTEBOL

A violência no futebol sempre, em menor ou maior escala, foi parte inclusa no contexto futebolístico. Tanto que BIANCHI, citado por FARIA (1968) disse que “de repente, em novembro de 1967, a bola deixou de ser vedete nos estádios brasileiros. Era o tempo de violência no futebol”. O mesmo autor fez uma citação de uma briga entre torcedores, ocorrido num jogo válido pelo campeonato carioca do mesmo ano:

“Por um momento, todos os crimes que estavam sendo investigados pelo 20º distrito policial do Rio de Janeiro, foram colocados de lado. Uma importante ocorrência devia ser registrada ali. Na acanhada sala do comissário do dia, um nervoso grupo acompanhava a vítima, que trazia um imenso curativo no nariz, sangrava e, timidamente, relatava os fatos. Adílson Moraes de Albuquerque (...) apresentava queixa contra Denílson custódio machado (...) local da ocorrência: estádio do Maracanã. Testemunhas: os presente e 60 mil pessoas – não identificadas – que assistiam a partida que os clubes indicados disputavam pelo retorno do campeonato carioca. Foi assim que o futebol, paixão do povo, passou registros policiais como incurso no artigo 129 do código penal: agressão com lesões corporais”

A partir da década de 70, as torcidas de futebol começaram a ter maior destaque, tanto que se tornaram uniformizadas, por isso com o passar do tempo viraram torcidas organizadas, e estas eram realmente organizadas, pois a função delas nessa época, era única e exclusivamente, animar e dar um brilho especial ao espetáculo nas arquibancadas. Segundo ELIAS; DUNNING (1985, pg. 324) é evidente que jogar e/ ou observar um ou outro desporto veio a constituir um dos principais meios de identificação coletiva na sociedade moderna e uma das principais fontes de significado na vida de muitas pessoas.

Após o terceiro título mundial, conquistado pela seleção brasileira, no fim da era Pelé, em 1970, o futebol, se fixou de vez como uma mania nacional, sendo uma crescente a partir de então. Segundo TOLEDO (1996, p. 26) “é interessante notar que, a partir de 1970 a relação adquiriu outros contornos, que foram além da mera paixão

pelo clube”. Em concordância, o ex – jogador inglês BALL, citado por (DENARDIN; DIENSTMANN, 2002, p. 93) diz que “no meu tempo a torcida aplaudia os jogadores, hoje é o contrário”.

Sendo justamente nessa época - década de 70 - que as organizadas começaram a deixar de lado as manifestações de aplauso e incentivo aos seus times de coração, passando a ter uma postura bem mais polêmica, agressiva e impulsiva, o que já começava a deixar saudades dos tempos mais civilizados da torcida, no contexto futebolístico esportivo. Tanto que o ex – jogador e treinador do Sport Club Corinthians Paulista, PIRILO, atuante na década de 40, relatou esse sentimento – saudade – já na década de 70, em entrevista à revista PLACAR, 20 de Junho de 1975, citado por TOLEDO (1996, p. 28) que:

(...) “Como é que um time, um clube, pode ter três torcidas que se agridem? (...) Eu ainda me lembro do Corinthians de 42, 43, 44, quando a torcida era uma só e se colocava no centro das arquibancadas. Fazia evoluções, levava bandeiras, cartazes. Era uma torcida e só torcia a favor de seu time. Agora eu não sei se foi o progresso, se foi a evolução ou a poluição que a levou a tantas divisões (...) Hoje a torcida nem precisa estar presente para estar influenciando no rendimento do time (...) Eu até tentei, indiretamente uma aproximação com os Gaviões da Fiel, com o pessoal da Camisa 12. Não consegui” (...)

Outro momento saudosista, é evidenciado através do ilustre torcedor flamenguista, Jaime R. de carvalho, AREOSA (1974), citado por TOLEDO (1996, p.21) que:

(...) “houve um tempo em que chefes de torcida como Jaime R. de Carvalho, o líder da charanga rubro negra, mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa. O objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deviam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas. Hoje Jaime de Carvalho já não tem essa ascendência sobre a torcida. Cansou – se” (...).

Após, o surgimento das organizadas, estas, passaram a ter uma atitude individualista, ocorrendo com o passar do tempo, a separação das torcidas e conseqüentemente, a rivalidade acirrada entre elas. "(...) Um indivíduo que é desafiado ou se sente mais ou menos provocado, por um ou mais elementos de um grupo marginal, sente que está em causa não só a sua honra mas a honra do seu grupo" (ELIAS; DUNNING, 1985, pg. 343).

A primeira torcida organizada de São Paulo foi criada para bater. A Gaviões da Fiel, fundada em 1969, tinha como intuito "derrubar" o presidente corintiano Wadih Helou. A Mancha Verde, surgiu para acabar com a história de sermos sacos de pancadas dos outros (...)" FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de fevereiro de 1992, em TOLEDO (p. 29).

Pela ganância de ser a melhor e única é que, cada torcida, quando sente que em algum momento o seu reinado está sendo ameaçado por alguém (alguma torcida rival), ou invejando tal posição, é que estas não medem esforços para conquistarem esse objetivo, ou seja, a violência também foi crescendo através da vontade destas torcidas organizadas serem umas mais fortes que as outras, e com a violência num estado cada vez mais crescente, ela só poderia gerar a propagação dela própria. Na FOLHA DE SÃO PAULO (1999), BUENO cita – nos as intrigas ocorridas por membros representantes de duas importantes torcidas organizadas da capital paulista, Gaviões da Fiel e Torcida Independente, e sobre a extinção das mesmas para o bem do futebol:

"De relações rompidas, as duas uniformizadas passaram o dia ontem trocando acusações, o que culminou num fax enviado pela gaviões para órgãos de comunicação e autoridades policiais, alertando – os para possível tragédia domingo (...) para o promotor Fernando Capez, que pede a extinção da gaviões, a postura das organizadas apenas reforça a certeza de que elas devem cessar sua atividades para evitar mais violência. A estratégia de bani – las é mais do que acertada. O fax da gaviões, por si só, é gravíssimo e, em vez de isentá – los dos possíveis atos de violência, mostra que ela vai ao jogo pensando em praticá- los".

É lamentável, que tudo começou com uma inocente reunião de torcedores, que tinham em mente única e exclusivamente a festa no futebol, mas . . . que, com o passar

do tempo essas “torcidas” foram se tornando verdadeiras gangues de bandidos, que vão aos estádios com o intuito de brigar, de cometer violência, contra torcedores rivais, atitude digna de vândalos denominados torcedores de futebol.

Tanto que, para NOGUEIRA (1993), citado por TOLEDO (1996, p. 30):

“A torcida (...), vem me cheirando a falange. A idéia pode ter nascido de boa intenção, mas, hoje, é baderna só. Torcida organizada converteu – se em aliança espúria entre arruaceiros e dirigentes medíocres (...). É de estarrecer que os grandes clubes brasileiros venham estimulando, ao longo do tempo, a pulverização de suas torcidas em grupos e subgrupos irados”

Diz FARAH, presidente da FPF, na época, citado por TOLEDO (1996, p. 141) que:

(...) “Nós estamos com uma grande preocupação realmente com o que vem acontecendo com a utilização das Torcidas Uniformizadas para a satisfação bestial de alguns (...) A infiltração de pessoas no meio das torcidas para a prática do crime salta aos olhos (...). Há pessoas até que são assaltadas à porta de um caixa 24 horas e acabam dizendo que foi a Torcida Uniformizada, que pretendiam matar, por isso, por aquilo. É lógico que no meio das torcidas existem pessoas menos responsáveis, pessoas que gostam da briga, do tumulto, da encrenca mas isto não representa, na minha opinião (...) nós precisamos trabalhar com tranqüilidade, precisamos nos unir para extirparmos do meio do futebol esta maioria de vândalos e irresponsáveis que atuam em todas as áreas, atuam, às vezes, no prédio da federação, atuam nas bolsas de valores, atuam nos comícios políticos, porque são pessoas interessadas em tumultuar, e é lógico que eles não deixariam o futebol de fora desta possibilidade de tumulto porque o futebol é o lazer mais importante do brasileiro”

É o que realmente acontece, as pessoas que não têm o que fazer, que não possuem nenhum tipo de educação, vêm no futebol um meio de possível de infiltração para as suas práticas ilícitas e covardes, já que em grupos, se sentem “homens” para praticarem a violência contra as pessoas que não tem como se defender desses vândalos. Na reportagem da FOLHA DE SÃO PAULO (2000), aconteceu mais um caso de violência, após a realização de partida entre duas agremiações, como consequência, uma vítima fatal, de apenas 14 anos de idade, que tinha uma vida inteira pela frente.

“Garoto de 14 anos levou três tiros durante tumulto de quase duas horas após partida no Maracanã; policial foi preso (...) um menor morreu, duas pessoas estão internadas e,

estado grave e várias outras sofreram ferimentos nos tumultos que aconteceram sexta – feira à noite ao redor do Maracanã depois do final do jogo Vasco e Flamengo”.

Na Inglaterra, a maior ameaça à paz nos estádios, diz – se respeito ao fenômeno negativo dos *Hooligans*, oriundos de ideologias Nazi – fascistas, sendo que estes existem a mais tempo, antes do surgimento de gangues no país. COSTA (1992) citado por TOLEDO (1996, P 125) diz que (...) “o termo “*Hooligans*”, tem sua origem ligada ao nome de uma família que viveu em Londres no fim do século XIX [*hooligan*]. Devido às características de violência e de não – sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizavam em gangues (...).

Segundo KIRSCHBAUM:

“A violência antes, durante e depois de um jogo amistoso internacional realizado na Eslovênia, (...) deixou os alemães com medo de que os hooligans retornem e deixem uma mancha na Copa do Mundo de 2006, que será realizada na Alemanha. A Confederação Alemã de Futebol apressou-se em se desculpar com a Eslovênia após torcedores alemães terem quebrado janelas de carros e restaurantes enquanto gritavam frases racistas na cidade eslovena de Celje, durante várias horas. De acordo com autoridades alemãs, houve mais violência no estádio, onde torcedores alemães entraram em combate com a polícia local, além de brigar com eslovenos fora do estádio após o jogo.(...) Dois policiais eslovenos e um alemão foram seriamente feridos. As imagens dos torcedores quebrando janela, rasgando os assentos do estádio e lutando contra os policiais durante o jogo de sábado relembrou as cenas de violência das décadas de 1980 e 1990.

Citam ELIAS; DUNNING (1985, pg 357;358) os meios utilizados para a prática da violência, que vai desde arremessar objetos aparentemente inofensivos, até que objetos mortais:

“Os confrontos dos Hooligans do futebol assumem formas diferentes e podem ocorrer numa variedade de contextos próximos do próprio campo de futebol. por exemplo, podem tomar a forma de uma luta corpo a corpo apenas entre dois adeptos rivais ou entre dois pequenos grupos. Como alternativa, podem envolver muitas centenas de fãs de cada lado. Por vezes usam – se armas – navalhas de ponta e mola e navalhas Stanley, que se dissimulam com facilidade, sendo as favoritas na fase atual – nos incidentes mais sérios. Os confrontos de Hooligans do futebol podem também assumir a

forma de lançamentos pelo ar, usando – se como munições projéteis que se classificam desde artigos inofensivos, como amendoins, pedaços de casca de laranja, caroços de maçã e copos de papel, até outros potencialmente mortais, como dardos discos de metal, moedas (por vezes com os rebordos aguçados), cadeiras partidas, tijolos, placas de cimento, esferas de rolamentos, fogos - de - artifício, bombas de fumo e, como aconteceu em uma ou duas ocasiões, garrafas com petróleo”

Indo mais adiante, ELIAS; DUNNING (1985, pg 355) citam que:

“(…) é difícil que exista em algum país em que o futebol se pratique onde não tenham ocorrido acessos de violência das multidões, ainda que os fãs ingleses sejam atualmente os mais temidos na Europa e os únicos que provocam distúrbios regulares quando viajam para o estrangeiro em apoio dos seus clubes ou da equipe nacional”

Segundo TOLEDO (1996, p. 127):

“A partir da Copa do mundo de 1966, realizada na Inglaterra, os *skinheads* aproximaram – se das torcidas, sendo englobados pela mídia, posteriormente, sob o rótulo comum de *Hooligans*. O processo de constituição desses agrupamentos, portanto, é complexo na medida em que, ao longo de décadas, incorporou vários outros grupos que vislumbravam no futebol uma possibilidade de expressão. Sendo assim, *Hooligans* compreende, primeiro, determinadas posturas e comportamentos diante da sociedade”

O torcedor inglês BUFORD (1992), diz que o perfil de um *Hooligan* seria o de:

(...) “Alguém que trabalha a semana inteira num emprego maçante e mal pode esperar para sair numa tarde de sábado. (...) Então você imagina que somos movidos a que? (...) Se a gente não fizesse isso [as praticas violentas e transgressoras] nos jogos de futebol acabaria fazendo em algum outro lugar. Acabaríamos fazendo no sábado à noite no pub. É o que ta na gente né? A violência. Todos nós temos por dentro” (...)

“Acerca das condições econômicas do torcedor, mais precisamente em Curitiba, chegou – se a cogitar a elitização do futebol , através da inflação no preço dos ingressos para os torcedores, onde estes assalariados são tratados como pessoas inconvenientes. E mesmo os assalariados que não têm culpa alguma pela ocorrência dessa violência, conseqüentemente ficariam de fora do seu momento de lazer preferido” GAZETA DO POVO, DOMINGUES (2001), diz que:

“Haverá aumento no preço de ingressos para evitar o afluxo de pessoas inconvenientes ao espetáculo (...) com o ingresso mais caro, o mais atingido será o torcedor pobre, seja

ele indesejável ou não. Outras medidas, como a venda de bebidas alcoólicas destiladas num raio de 200 metros dos estádios nos dias de jogos, e a proibição da entrada de pessoas com a camisa de torcidas organizadas, faixas e bandeiras, inclusive nos ônibus coletivos, também podem causar o afastamento do público”.

Em particular, tenho a idéia de que a bebida pode não ser uma causa completamente relevante para a prática de violência no desporto, mas é óbvio que estando o sujeito predisposto a praticá-la, a bebida ingerida poderá estimular a pessoa para a consumação desse ato.

O estudante SILVA, diz que o clube pagaria os danos causados pelos Torcedores. Em contrapartida, a estudante NUNES, diz que os que gostam de baderna vão continuar indo – seja qual for o valor cobrado.

MOURA (2001) reforça essa medida, ao afirmar que temos que combater o mal maior, que é a violência, e as medidas devem ser duras, senão não fazem efeitos. Alguém vai ser prejudicado.

Falar acerca da violência no desporto, em certos momentos, beira o absurdo e a perplexidade total, como por exemplo, no caso dos torcedores do Estrela Vermelha, onde estes recebem apoio moral e financeiro dos dirigentes deste clube, para cometerem atrocidades contra atletas do time, que segundo o gosto destes dirigentes e torcedores, não correspondem em campo – sendo que, em qualquer time do mundo, sempre irão existir jogadores que não vão corresponder as expectativas, então, assim sendo, sempre haverá motivo para a violência destes Hooligans. Acerca disso, cita – nos FOER (2004) que:

“Como quase todo clube da Europa e da América Latina, tem o apoio de uma torcida indisciplinada, capaz de atos terríveis de violência. Mas no Estrela Vermelha, os torcedores violentos ocupam um lugar de honra, e mais que isso: reúnem – se com dirigentes do clube para atualizarem o plano de ação de suas gangues. Seus líderes recebem remuneração. E, como parte desse pacote, têm acesso a um escritório na sede do clube (...). As gangues tem influência, em grande parte, porque a conquistaram mediante a intimidação (...). A torcida do Estrela Vermelha tinha invadido o campo durante um treinamento. Com bastões, barras de ferro e outros porretes, espancaram três de seus próprios jogadores (...). Nesse caso, os Hooligans disseram claramente aos repórteres que “não podiam mais tolerar a falta de compromisso em campo”.

TOLEDO (1996, p. 135,136) cita a cronologia de alguns fatos relacionados à prática de violência no futebol por torcedores:

- “29 de maio de 1985, estádio Heysel, Bélgica, final da Copa da Europa de clubes, Liverpool (Inglaterra) vs Juventus (Itália). Morreram 38 pessoas e 350 ficaram feridas no confronto entre torcedores antes do início da partida. Os torcedores foram ingleses foram responsabilizados pelo ocorrido. Os times ingleses foram proibidos de participarem dos campeonatos europeus.
- 15 de abril de 1989, estádio Hillsborough, Sheffield, semifinais da Copa da Inglaterra, Liverpool vs Nottingham Forest. Morreram 95 torcedores esmagados nos alambrados do estádio superlotado, que não comportava a importância do evento. A responsabilidade da tragédia recaiu sobre a polícia, inocentando, desta vez, os torcedores do Liverpool.
- 7 de outubro de 1990, cidade de Resende, a caminho do Rio de Janeiro. O São Paulo Futebol Clube iria jogar com o Botafogo Futebol Clube e, no mesmo horário, a Sociedade Esportiva Palmeiras com o Clube Regatas Vasco da Gama. Houve um confronto entre as Torcidas Independente e Mancha Verde ao se encontrarem em um posto de gasolina na referida cidade. O torcedor Tadeu da Costa, da Independente, foi baleado na perna direita.
- 23 de janeiro de 1992, estádio do Nacional em São Paulo, semifinais do torneio de juniores, Taça São Paulo, São Paulo Futebol Clube vs Sport Clube Corinthians Paulista. Uma bomba de fabricação caseira mata um torcedor corintiano, Rogério de Gásperi, 13 anos. A responsabilidade recaiu sobre o Independente Rogério R. Marin, porém não ficou provada a autoria do crime.
- 7 de fevereiro de 1992, São Paulo, semifinal do Campeonato Internacional de Futebol Infantil (entre 13 e 14 anos), São Paulo Futebol Clube vs Sociedade Esportiva Palmeiras. Os jogadores do Palmeiras tentam agredir o bandeirinha Irineu Vera após um erro da arbitragem.
- 29 de setembro de 1992, imediações do estádio Parque Antártica, São Paulo, campeonato Supercopa dos Campeões da Libertadores da América, Santos Futebol Clube vs São Paulo Futebol Clube. Morre a golpes de faca o Mancha Verde Sergio Vivandini. O suspeito usava a camisa da Tricolor Independente.
- 25 de janeiro de 1993, imediações do estádio do Pacaembu, São Paulo, São Paulo Futebol Clube e Sport Clube Corinthians Paulista disputam a final da Taça Cidade de São Paulo de Juniores. Depredação de ônibus e das instalações do Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda, por torcedores corintianos após a derrota do time no referido jogo”.

Segundo TEIXEIRA, da GAZETA DO POVO (1996), nos é relatado mais um caso de vítima de violência de torcedores, nesse caso foi a primeira vítima fatal do estado do Paraná. “Leandro Corrêa, de 20 anos, vítima de uma bomba atirada por um

membro da torcida organizada, do Coritiba (...) Leandro Corrêa foi a primeira vítima fatal em todo o estado do Paraná da violência das torcidas organizadas (...).

Os membros que compõem essas torcidas organizadas, em suma maioria, são de jovens, e adolescentes que, em gangues, promovem a violência após a saída dos estádios, nos terminais de ônibus, dentro dos próprios transportes coletivos, onde aterrorizam populares que ali estão.

Segundo essa mesma reportagem, foi feita uma pesquisa, através da Paraná Pesquisa, onde foram apontadas possíveis soluções para a atenuação da violência no futebol. A solução apontada pelas pessoas entrevistadas pela Paraná Pesquisas é (...) aumentar o policiamento de acordo com 39,44%, fazer uma campanha de conscientização para 16,66%, e acabar com as torcidas organizadas para 8,33% dos entrevistados. Foram entrevistadas 180 pessoas, inseridas nos próprios estádios em dias de jogos nos finais de semana.

PEREZ (2005), relatou um dos inúmeros fatos lamentáveis, ocorridos no futebol, quando na Taça Libertadores da América em 1974, o então goleiro do São Paulo Futebol Clube, em jogo disputado na Argentina, contra o Independiente do mesmo país, queixa – se. “Fui apedrejado. Deve haver foto em que apareço com a cabeça enfaixada. Minha camisa de baixo ficou toda ensangüentada e minhas costas cheias de hematomas porque os torcedores atiravam bolinhas de vidro com estilingue”. Em concordância, ELIAS; DUNNING (1985, pg. 337) relatam que a crescente competitividade significa que a importância da vitória aumentou (...) diminuiu consideravelmente o significado da idéia de que participar é mais importante do que vencer. ELIAS; DUNNING (1985, pg. 331) concluem ainda que, “todos os desportos são, por natureza, competitivos e conduzem, deste modo, ao aparecimento de agressão e de violência”. Ilustrando melhor essa intolerância, relata SHIMIDT, citado por COELHO; NETO (1994) que, “meu problema é quando os juizes roubam muito do Coritiba. Acabam as pilhas e aí o recurso é jogar o radinho. Já perdi uns cinco”

Existe também, outro tipo de violência dentro do desporto, esta aceitável perante a sociedade, já que está se faz necessária para a realização do jogo, onde a violência

nestes jogos é regrada, cito como por exemplo, o rãguebi, o boxe. Diferente do futebol, onde a violência se faz presente por conta de pessoas sem qualquer tipo de educação e respeito para com os outros e para consigo mesmo.

Uma das maiores tragédias ocorridas no futebol, ocorreu na final da Supercopa de Juniores, entre São Paulo Futebol Clube e Sociedade Esportiva Palmeiras. Saldo: batalha de paus e pedras, após título do Palmeiras na Supercopa, deixa 80 torcedores e 22 policiais feridos. FOLHA DE SÃO PAULO (1995).

A mesma FOLHA DE SÃO PAULO (2005), faz um pequeno retrospecto – de três anos para cá – acerca da ocorrência da violência no desporto, por conta de torcedores:

“Em 2004, pelo menos dois óbitos foram registrados. Em setembro, o são-paulino André Silva, 17, levou um tiro após clássico com o Corinthians. Em maio, o corinthiano Marcos Cardoso foi agredido com pauladas na cabeça em briga com palmeirenses na Barra Funda. Em 2003, o maior incidente foi no carnaval. Membros do bloco da Independente, do São Paulo, mataram com um tiro rival da Pavilhão 9. depois, em duelo entre são-paulinos e membros da Mancha Verde, dois foram espancados até a morte. Em 2002, o saldo foi de pelo menos quatro óbitos. Neste ano, duelos antes de um São Paulo x Corinthians deixaram mais de 20 feridos. Um deles agredido com barras de ferro na cabeça”

Recentemente, no último dia 14 de Julho, em outra final da Taça Libertadores da América, esta decidida entre dois clubes brasileiros, São Paulo Futebol Clube e Clube Atlético Paranaense, jogo realizado no estádio do Morumbi, em São Paulo – SP. Quanto ao Atlético – PR. tudo bem, nenhum tipo de violência ocorreu nem contra eles, nem por parte deles contra os são-paulinos. O problema foi que, após a vitória, e conseqüentemente o título das Américas garantido, a torcida do São Paulo, promoveu cenas lamentáveis de se ver, com depredações de estabelecimentos comerciais, espancamentos de transeuntes, e confronto generalizado com a polícia – que a meu ver também é muito despreparada – não podemos esquecer que o São Paulo Futebol Clube tornou – se campeão, e a torcida resolveu manifestar essa alegria com atos reprováveis, e isso, vale lembrar mais uma vez, ocorreu após a conquista de um grande título de seu time. O que aconteceria então se ocorresse o contrário, o time perdesse e, aí sim a torcida paulista saísse frustrada do Morumbi?

Vale lembrar ainda que, nas semifinais do mesmo torneio, a torcida do mesmo São Paulo Futebol Clube, apedrejou, na chegada ao estádio Morumbi, para a realização do jogo, o ônibus com os jogadores e delegação do Clube Atlético River Plate, da Argentina. Já dentro do estádio, durante a partida, policiais que trabalhavam no jogo, começaram a bater nestes mesmos torcedores argentinos, imaginando estes, que esses torcedores ficariam intimidados com a violência da polícia, e o que ocorreu é que, já revoltados com as pedras atiradas no ônibus da delegação Argentina, começaram então, os argentinos a revidar esses maus tratos, e conseqüentemente a polícia acabou sendo encurralada, apanhando literalmente dos argentinos que estavam em maior número nas arquibancadas. E as cenas lamentáveis dessa violência, foram vistas no mundo todo. Como dizem ELIAS; DUNNING (1985, pg. 327; 328) os homens são possivelmente tão agressivos como sempre o foram, mas a agressão, bem como a sua expressão, tornou – se menos ordenada e, por esse motivo, mais sangrenta.

Uma semana após, o mesmo confronto de clubes – e torcidas - ocorreria na Argentina, e como já era de se esperar, a torcida do River Plate, começou a atirar pedras na torcida do clube brasileiro, como resposta pelos maus tratados recebidos no Brasil. A torcida são-paulina foi obrigada a abandonar o estádio às pressas.

RÍMOLE, citou no site www.estadao.com.br, a preocupação existente acerca das violentas torcidas organizadas do interior do estado de São Paulo.

“A Polícia Militar de Campinas está preocupada com a ameaça de rebaixamento da Ponte Preta para a Segunda Divisão do Brasileiro, pois já percebeu que os torcedores estão cada vez mais violentos. A gente não vai aceitar passivamente que a Ponte caia. Fizeram muita sacanagem com a gente no Brasileiro. O time terá de continuar na Primeira Divisão. Por bem ou por mal”, disse neste domingo Ricardo Souza, que vestia a camiseta da Torcida Jovem, a que mais atormenta os policiais. A sede da torcida fica na rua de trás do Estádio Moisés Lucarelli, onde foi disputado o jogo contra o São Paulo. Os ponte-pretanos se reúnem antes e depois das partidas. E a PM desloca soldados para vigiá-los. Foi assim que evitou que o ônibus do São Paulo fosse atingido por rojões e pedras atiradas pelos torcedores. Talvez por sadismo da diretoria da Ponte Preta, os árbitros sempre saem do estádio pelo portão que fica em frente à sede da Jovem. São necessários vários policiais para protegê-los em todas as partidas”.

Em 14 de outubro, deste ano, ocorreram cenas lamentáveis de se ver, registradas no estádio da Vila Belmiro, onde foi realizada a partida entre os rivais Santos Futebol Clube e Sport Club Corinthians Paulista. No qual o time da capital se sagrou vencedor do jogo, causando a ira dos torcedores santistas. Segundo divulgação no site www.placar.com.br :

“Sobrou até para quem não tinha nada a ver com a história. Depois do tumultuado final do clássico Santos 2 x 3 Corinthians, na noite desta quinta-feira, na Vila Belmiro, os torcedores do Peixe deixaram o estádio revoltados com a derrota em uma partida que já havia sido vencida (na décima sexta rodada, por 4 x 2 pelo Santos) e pelo fato do árbitro Cléber Wellington Abade ter marcado um pênalti duvidoso, que originou o terceiro gol da virada dos corinthianos. Após invasões de campo, que decretaram o final antecipado da partida, houve muita confusão do lado de fora da Vila Belmiro. Quem tentava sair, deparava-se com empurra-empurra, correria, vandalismo e confrontos entre torcedores e policiais. Carros de emissoras de televisão, como da TV Globo e da TV Santa Cecília, que tem como proprietário o presidente do Santos, Marcelo Teixeira, foram destruídos pelos torcedores em fúria. Outros emissoras e meios de comunicação também tiveram prejuízos com a batalha extra-campo. Bares e estabelecimentos comerciais foram alvos dos vândalos, por cerca de uma hora. Para piorar a situação do Santos, que viu o Timão abrir 14 pontos de vantagem na liderança do Campeonato Brasileiro, o clube deve ser punido pelo STJD e perder o mando de vários jogos. Muitos corinthianos, inclusive o técnico Antônio Lopes, declararam que a Vila Belmiro não pode receber jogos de tal importância. “A CBF não pode mais marcar jogos aqui. Senão, vai acabar morrendo alguém”, disse Lopes, que já foi técnico do Santos. Revoltados com o fato de a partida ter sido repetida, devido ao escândalo da arbitragem, diretores, jogadores e pessoas ligadas ao Santos preferiram disparar contra o presidente do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), Luiz Zveiter, e o árbitro do jogo, Cléber Wellington Abade. O diretor de futebol Francisco Lopes, que invadiu o campo para protestar, afirmou que o juiz teve grande parcela de culpa no ocorrido. “Ele (Abade) é fraco e ruim. Não poderia estar aqui hoje (quinta-feira)”, disparou. Sem dar entrevistas após os incidentes, o presidente Marcelo Teixeira deverá reunir a imprensa para uma coletiva nesta sexta-feira, para comentar o ocorrido e adiantar quais serão as medidas adotadas pelo Santos”.

Alguns dias depois, na rodada do Campeonato Brasileiro, ocorrida no final de semana, mais precisamente em 16 de outubro de 2005, novas tragédias ocorreram no futebol profissional, por culpa de bandidos que se inserem no meio futebolístico para poderem praticar as suas atrocidades e novamente a reportagem do site www.placar.com.br mostrou que:

“A violência volta a ocupar o noticiário do futebol paulista. Três torcedores foram mortos em confrontos de torcedores nos últimos dois dias. As vítimas foram um torcedor do

Palmeiras, um do Corinthians e um da Ponte Preta. Nesta segunda-feira, um choque entre torcedores de São Paulo e Ponte Preta, em Campinas, acabou com a morte do ponte-pretano Anderson Tomaz, que foi espancado por torcedores do Tricolor. No domingo, já havia sido confirmada a morte do corintiano Wellington Martins, de 24 anos, que se envolveu num choque entre as torcidas de Palmeira e Corinthians em Santo Amaro. Ele levou um tiro na cabeça e faleceu por volta das 20h de domingo”.

O confronto entre torcedores palmeirenses e corintianos, faz mais uma vítima fatal.

LANCE! (2005) cita que:

“Baleado, palmeirense morre após briga entre torcedores no bairro Tatuapé, A violência entre torcidas fez mais uma vítima em São Paulo. O palmeirense Diogo Lima Borges, 23 anos, foi morto ontem após ser baleado nas proximidades do metrô Tatuapé, na zona leste da capital paulista. No confronto envolvendo torcedores de Palmeiras e Corinthians houve troca de tiros, rojões, pauladas, socos e pontapés. Na confusão, Diogo acabou sendo baleado e levado às pressas para o pronto – socorro do Tatuapé. O rapaz não resistiu. (...) Seis torcedores foram levados ao pronto – socorro da região, todos com idade entre 18 e 23 anos. Além Diogo, vítima de arma de fogo, os outros cinco sofreram ferimentos múltiplos. Um deles, baleado, foi transferido para um hospital particular. Outros dois permanecem internados e dois foram liberados. (...) Torcedores corintianos também criaram confusão na avenida reboças. Além de brigarem com os motoristas dos ônibus que os transportavam para o estádio, eles ameaçavam carros de passeio”

Dentro do estádio, igualmente, ocorriam as transgressões tanto que cita novamente LANCE! (2005):

“Um torcedor do Palmeiras, que carregava uma bomba de fabricação caseira, perdeu a ponta de três dedos de uma das mãos. O palmeirense sofreu o acidente após falhar na tentativa de arremessá – la na torcida do Corinthians. Apesar do susto, o torcedor passa bem. Ele não escapou porém, da detenção feita pela Polícia Militar e foi encaminhado a uma delegacia próxima do estádio do Morumbi”

Novamente, no site www.placar.com.br é possível a constatação do grau de temeridade pela vingança da morte de um torcedor da Associação Atlética Ponte Preta, causada por um são – paulino, dias antes. “A situação deve ser ainda pior porque um ponte-pretano foi morto por são-paulinos na segunda-feira, durante a distribuição de ingressos. A torcida da Macaca promete revidar, e Autuori teme que a violência atinja seu time”

Isso tudo cria um clima ruim dentro de campo e tem gente que parte para a violência (AUTUORI, 2005). E, o mesmo confronto entre clubes – ou torcidas – estava por acontecer. Já que obrigatoriamente, por conta dos escândalos das arbitragens corruptas, o mesmo confronto ocorrido no primeiro turno – vitória da Ponte Preta 1 x 0 – deveria se repetir, e os ponte-pretanos, já prometiam protesto com violência em caso de derrota. Assim como ocorreu, poucos dias antes, no jogo Santos Futebol Clube e Sport Clube Corinthians Paulista. O mesmo site cita a temeridade:

“Vencedora do confronto original, anulado pelo STJD, Macaca tenta confirmar resultado. Se não conseguir, torcida ameaça baderna O clássico Santos x Corinthians, refeito na última quinta-feira, serve de exemplo para os jogadores. A partida terminou com vitória corintiana, ao contrário do confronto original, o que causou a revolta dos santistas. Torcedores invadiram o campo e o jogo não chegou ao final. A torcida da Ponte já avisou que pode fazer o mesmo se o time não vencer o São Paulo. Para complicar ainda mais a situação, um ponte-pretano foi morto por são-paulinos durante a distribuição de ingressos, e promessas de vingança começaram a surgir em Campinas”.

Enquanto nada for feito acerca da violência no futebol profissional, creio que a solução, não para acabar com a violência no desporto, pois isso é impossível, mas para a atenuação dessa alta incidência é: Em dias de grandes jogos, principalmente, entre clubes rivais da mesma cidade, ser liberada apenas a presença de torcedores do clube mandante da partida. Assim, ao menos evita – se o confronto direto dentro dos estádios e fora deles também. O aumento no número de policiais, trabalhando nos jogos – não para agredirem qualquer torcedor, para mostrar que são autoridades – para garantirem a segurança de famílias que vão aos estádios, faz – se necessário para a atenuação da ocorrência da violência no desporto, visto que na maioria das vezes em

que as atrocidades fizeram – se presentes, a maior reclamação foi acerca da falta de policiamento nos estádios e, principalmente, fora deles também. E os poucos policiais que trabalham nessas partidas, acabam por agredir, não apenas os baderneiros, mas também as pessoas que não querem confusão. Por isso, muitos sentem – se humilhados de serem tratados como marginais que acabaram de cometer um crime.

A extinção das torcidas organizadas é bastante relevante para a diminuição da violência, pois grande parte dessas transgressões, são cometidas por integrantes dessas torcidas, que em suma maioria é composta por jovens e adolescentes, que nessa faixa etária não estão acostumados com responsabilidades e, igualmente não possuem limites para seus atos (digo isso da grande maioria, não generalizando).

Enquanto nada for feito à respeito, ou o futebol estará com seus dias contados, pois quase sempre estão ocorrendo brigas de torcidas, resultando inclusive em vítimas fatais. Ou toda a beleza do futebol estará restrita a jogos sem torcedores nas arquibancadas para apoiar seus times. Causando frustração em jogadores, imprensa e demais admiradores, pois o que abrilhanta o futebol de maneira geral, é o espetáculo das torcidas nas arquibancadas, os gritos de incentivo, e até mesmo as vaias aos adversários, mas nada que extrapole para a violência.

Infelizmente, em nossa sociedade, amar ao próximo está tão demodê.

3.0 METODOLOGIA

O presente trabalho foi consumado acerca da apresentação de pesquisa bibliográfica, onde buscou – se a amostra do conteúdo pertinente sobre as principais causas, assim como as conseqüências ocorridas por conta da violência no futebol praticada por torcedores de torcidas organizadas ou não, assim como através de pessoas infiltradas nesses grupos, onde dizem – se admiradores do esporte, mas na realidade usufruem deste meio para poderem praticar as transgressões e até mesmo, crimes. Para tal, foi necessário fazer um levantamento das bibliografias relacionadas à problemática. Bibliografias exploradas na biblioteca pública de Curitiba, nos arquivos da faculdade, assim como no setor de educação.

As fontes bibliográficas procuradas e pesquisadas foram, primeiramente: os livros, visando através destes a busca por definições de violência, assim como o relato desta em nossa sociedade, relacionado a causa dessa prática, que geralmente é consumada pela classe trabalhadora, onde os mesmos, descontentes com a árdua rotina de vida e dificuldades, acabam que, em suma maioria extravasando esses sentimentos em forma de violência. Não se esquecendo que os torcedores de futebol, que em sua grande maioria é formada por jovens e adolescentes, sentem estes, a necessidade de formarem bandos, pois assim se sentem mais fortes e, de cultivarem a rivalidade com os seus “inimigos”.

Já as revistas continham reportagens, depoimentos de ex – jogadores, que de alguma maneira já sofreram no passado com violência das torcidas envolvidas com o futebol, na época em que estes eram atuantes profissionais.

Os jornais, onde primordialmente buscou – se reportagens mais antigas, para assim ser possível fazer uso de relatos e acontecimentos ao longo da década passada. E, não esquecendo – se, da pesquisa feita através da internet, onde diferentemente da pesquisa realizada em jornais, procurou dar mais ênfase acerca de acontecimentos e flagrantes pertinentes ocorridos na atualidade, e coincidentemente, atualmente a incidência de transgressões dá – se de maneira rotineira.

É evidente que não será possível que de uma hora para outra, mesmo sendo desejo de muitos, que a violência seja simplesmente extirpada em nossa sociedade, porém, se a atenuação da mesma fosse realmente consumada, já seria uma grande vitória, e uma conquista. Mas no momento isso é apenas uma utopia.

4.0 CONCLUSÕES

O futebol, visto como um fenômeno mundial que é, sendo o esporte que agrega o maior número de simpatizantes, proporcionando através dele que uma imensa gama de pessoas o tenham como primordial em suas vidas, ou seja, se o time favorito em questão vence uma partida, a satisfação e a alegria fazem – se presentes nestes torcedores, tendo a sensação de que a semana que estará por acontecer será menos problemática. Da – se para imaginar então o que acontece quando consumasse a conquista de um campeonato. Não é difícil de se concluir que estes muitas vezes consideram o futebol ainda mais importante que a própria família, não importando se está faltando dinheiro em casa para comprar comida, aliás, deixam de gastar o pouco dinheiro que possuem para as compras e despesas do lar, para adquirirem o tão desejado ingresso para poderem assistir ao esperado jogo de seu time.

Assim, é inegável que através do desporto, tenha – se aquisição influente do mesmo, no comportamento humano. Onde considera – se que através do futebol, a ordem pode ser estabelecida, quando os torcedores saem dos estádios felizes e, através do mesmo pode – se estabelecer a guerra, quando o torcedores sentem – se frustrados. Mas essa é uma desculpa muito confortável de se dar, pois sempre em qualquer jogo, alguém vai sair chateado, e esse alguém vai ter na sua tristeza a válvula de escape para transgredir e agredir.

Mas ... pode – se observar também que as práticas ilícitas cometidas pelas torcidas não são causadas apenas por conta da rivalidade entre clubes, e até mesmo por rivalização de cidades vizinhas, como muito acontece, mas também por conta dos problemas sociais, pelas diversidades culturais e econômicas inclusas neste contexto.

Neste trabalho realizado, acerca do comportamento violento das torcidas no futebol profissional, fica evidenciado que há uma grande variação comportamental e de hábitos nesses torcedores. Não é difícil de se perceber que os jovens e os adolescentes, são maioria entre os torcedores nos estádios e, sentem estes, ainda mais nessa faixa etária em que é comum o sentimento de que podem tudo à sua maneira, a

necessidade de interagirem com outros jovens iguais à eles, que têm a necessidade da formação de grupos, pois só assim sentem – se seguros, visto que em nossa sociedade onde a concorrência e a competitividade são predominantes, esse sentimento de proteção no meio das massas, torna – se satisfatório e confortável para os mesmos, podendo então escolher se querem ou não cometer atrocidades, pois não temem represálias enquanto estão unidos em grupos.

Na maioria das vezes, salvas as exceções, as pessoas que adentram um estádio, com a finalidade de assistir uma partida de futebol, não possuem vínculo algum com os demais inseridos naquele espaço, porém o que pode – se levar primordialmente em consideração é o fato destas pessoas estarem todas reunidas pelo mesmo interesse, ou seja, pela mesma paixão, a de poderem ver o seu time favorito jogar. Então, quando ocorrem as vitórias, e o momento mais aguardado do futebol que é o gol, estas pessoas sentem – se harmonizadas umas com as outras, sendo comum nestes momentos, a ocorrência de abraços entre esses “desconhecidos” que jamais tenham tido algum tipo de contato anteriormente. Sem levar em consideração que é nesses momentos, que toda e qualquer diferença, seja racial, econômica, cultural, torna – se inexistente, assim esses torcedores tornam – se iguais uns aos outros, ou seja, ninguém se sente inferior ou superior a ninguém, e de fato ao menos por algumas horas não o são mesmo. Assim, os complexos de inferioridade são deixados para trás. Nesse espaço, é que essa interação de pessoas, envolvidas em sorrisos e abraços, é possível, pois fora deste, essa intimidade torna – se muito mais restrita e formalizada, conseqüentemente as diversidades tornam – se mais evidentes

Digo isso – ausência de qualquer tipo de discriminação – em relação aos torcedores para com os próprios torcedores, de um mesmo clube, há de se lembrar que essas diferenças são umas das causas para a incidência da prática violenta destes torcedores, pois quando os componentes da classe trabalhadora são oprimidos e vivenciam momentos de insatisfação pessoal e financeira, e, até mesmo por carência afetiva, então estes passam a acreditar que uma das poucas possibilidades de aquisição da satisfação pessoal será através do futebol. E, quando os momentos de alegria se tornam lágrimas e frustrações, é comum a consumação dos comportamentos

repudiáveis e transgressivos através destes demitidos da vida, inclusive o que desperta também uma certa surpresa é que até mesmo as pessoas que não são acostumadas a cometerem violência, os sujeitos mais pacatos, podem ser influenciados negativamente pelo comportamento tribal das pessoas que estão a sua volta, e assim igualmente praticarem esses atos, tornando – se, ao menos naquele momento, pela influência negativa de terceiros, violentos.

Infelizmente, a agressividade do público acontece na maioria das partidas, ou seja, em cada nova rodada de jogos, em algum lugar, não só a nível nacional, como mundial também, ocorre algum relato de violência, violência essa ocorrida em várias intensidades diferentes. Digo isso acerca das atrocidades serem praticadas quase que todos os dias, não somente no Brasil, como em todo o mundo, por que se assim o fosse somente neste país, considerado este o país do futebol, iriam os estrangeiros rotular esta nação como uma em que o povo é composto por gente da pior espécie, onde vivem somente selvagens. Mas, então não seria, em vários cantos do mundo, composto de selvagens mal educados? Pode – se dizer que sim, e até mesmo em maior incidência que em nosso país, mas essa problemática é praticada de maneira constante dentro do contexto futebolístico e parece que além ser assim, será sempre igual.

Conclui – se que, o objetivo do presente trabalho foi relatar o apontamento das causas e das conseqüências da violência no futebol, assim o pesquisador interessado na temática que foi problematizada, perceberá que esses apontamentos acerca da violência no futebol, fazem – se necessários como um alerta, uma conscientização, não ambicionando a extirpação das transgressões no desporto, pois isso não se consumaria. Com esse alerta, o pesquisador interessado no aprofundamento de seus conhecimentos acerca da violência no futebol, conseguirá perceber a necessidade da atenuação – ao menos – dessa problemática. A partir disso este, com um olhar crítico ou não, poderá estar em concordância ou não com a abordagem, e até mesmo com o estudo, enriquecer e/ou implementar a sua pesquisa através deste trabalho científico.

O futebol combina com alegria e diversão, e não com tragédias e mortes, como ultimamente vem acontecendo no desporto, por isso, abaixo a violência!

REFERÊNCIAS

COELHO, Vinicius; NETO, Carneiro. **Atletiba A Paixão das Multidões**. Curitiba – PR, Editora: Dos Autores, Fundação Cultural de Curitiba. 1994, p. 130.

DENARDIN, Pedro Ernesto; DIENSTMANN, Cláudio. **Brasil de Todas as Copas: Copa do Mundo Só é Copa com o Brasil**. Porto Alegre, RS, Editora: Brasul, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Portugal. Editora: Difel, Difusão Editorial LTDA, 1985.

FARIA, Otavio. **O Olho da Bola**. Rio de Janeiro – RJ, Editora: Gol LTDA, 1968, p. 127.

FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo: Um Olhar Inesperado Sobre a Globalização**. Rio de Janeiro – RJ, Editor: Jorge Zahar, 2004, p. 13.

FOLHA DE SÃO PAULO, Jornal. **Torcedores Brigam em Jogo de Juniores e Adiam Estréia do Corinthians**. São Paulo – SP, 21. ago. 1995, p. 01.

_____. **Torcidas Ameaçam Retornar a Violência**. São Paulo - SP, 03. jun. 1999.

_____. **Briga de Torcidas Deixa 1 Morto no Rio**. Rio de Janeiro – RJ, 29. out. 2000, p. 10.

_____. **Clássicos Viram Sinônimo de Briga e Mortes em SP**. São Paulo – SP, 17. out. 2005, p. 02.

KIRSCHBAUM, Erik. **Após Confusão, Alemães Temem Violência de Hooligans Na Copa**. [www.folha.uol.com.Br]. Matéria divulgada em 27. mar. 2005. Acessado em 14. out. 2005.

GAZETA DO POVO, Jornal. **Caderno de Esportes, Violência no Futebol faz Vítima Fatal**. Curitiba - PR, 03. jul. 1996

_____. **Decisões Podem Elitizar o Futebol**. Curitiba – PR, 20. fev. 2001.

LANCE! O DIÁRIO DOS ESPORTES, Jornal. **Torcedor é Morto**. São Paulo – SP, nº 2898, 17. out. 2005, p. 07

O ESTADO DE SÃO PAULO, Jornal. **Extinção de Torcidas Pode Ser Um Perigo**. São Paulo – SP, 05. dez. 1997p. 07.

PLACAR. [www.placar.com.Br]. **Carros da Imprensa são Destruídos por Torcedores do Santos**. Acessado e divulgado em 14. out. 2005.

_____. **Futebol Paulista Registra Mais Três Mortes de Torcedores**. Acessado em 17. out. 2005.

_____. **Ameaças da torcida da Ponte deixam o São Paulo em alerta**. Acessado em 18. out. 2005.

_____. **Ponte Preta e São Paulo fazem Jogo de Alto Risco em Campinas**. Acessado em 18. out. 2005.

POMPEU, Renato. **Memórias de Uma Bola de Futebol**. São Paulo – SP, Editora: Escrituras, 2002, p. 79.

RÍMOLE, Cosme. **Violência Da Torcida da Ponte Preocupa PM**. [www.estadao.com.br]. Matéria divulgada em 30. nov. 2003. Acessado em 14. out. 2005.

SÃO PAULO NOTÍCIAS, Revista. **Bate Bola com Waldir Peres**, São Paulo - SP, n.128, 2005, p. 18.

TOLEDO, Luiz Henrique, **Torcidas Organizadas de Futebol**, Campinas, São Paulo, Editora: Autores Associados, 1996.